

A Ordem-Nova

Comentando as impressões da sua viagem á Russia bolchevista, observa algures o catedrático e socialista espanhol Fernando de los Rios — *«El Estado russo se ha visto arrasado a una consecuencia que era fatal, dados los principios de su organización centralista y la actitud que se había adoptado respecto de la economía; el ha constreñido a convertir el trabajo obligatorio en trabajo forzado, porque la fuerza del trabajo en si mismo ha advenido propiedad del Estado...»* (1) Efectivamente, no *Memorandum* apresentado ao IX Congresso do Partido Comunista (1920, 29 de março a 1 de abril), Trotzky declarava sem rodeios: — «A liberdade do trabalho é propria da sociedade burguesa. Para execução das ordens correspondentes ao trabalho forçado, obrigatorio para todos, sem distincão de sexo, deve ser empregada a força armada. Os operarios deverão ser incorporados nas empresas, introduzindo-se nelas um regimen severo, com applicação de penas disciplinares. Unicamente as pessoas cheias de preconceitos burgueses se poderão insurgir contra um tal sistema.»

Respondia Trotzky com estas palavras francas ao voto expresso de Bujarin, Osinsky e outros elementos da esquerda comunista, — porque ha tambem uma «direita» comunista! —, os quaes não hesitavam em reclamar para o trabalho a sua inteira militarização debaixo duma completa disciplina de ferro. De resto, já antes no jornal *Pravda*, Trostzky afirmara num artigo seu: — «A adaptação do trabalho ás necessidades comuns e a intensificação da produção estão determinadas em grande parte pelo interesse pessoal dos trabalhadores; e o que importa em semelhante caso não é o regimen ju-

ridico sob que se haja de gozar dos fructos do nosso esforço, mas a parte efectiva que nos haja de corresponder.»

Em face de tão significativos depoimentos, nós vemos a que escravatura inesperada conduzem as applicações do dogma marxista de «luta de classes». Insuspeito na evidente formação revolucionaria do seu espirito, o prof. Fernando de los Rios considera o drama que se passa na Russia como o «*eclipse dos direitos do homem*». E não vacila em asseverar, perante essa espantosa paranoia colectiva, que, segundo os preceitos e as realizações da ditadura bolchevista, «*não ha direito para a consciência, porque não ha um elemento humano geral, visto os homens na Russia serem hoje absolutamente insolidarios*», acrescentando que o direito ali existente é apenas um precario direito objectivo e só ao titular do Poder pertence defini-lo.

Dificilmente o despotismo encontraria características mais acentuadas. A tanto leva nas suas extremas consequencias a lógica do principio democrático! O individualismo sentimental de Jean-Jacques Rousseau torna-se assim, passado um século, no «insolidarismo total» do prof. Fernando de los Rios. Todos os germens antisociais da era liberalista afloram agora na terra enevoada dos Czares, revestindo-se, para efeitos mais sinistros, duma espécie de religiosissimo frenético, a que não é estranha a hereditariedade mongólica de Lenine. Mas, pondo de lado as condições de meio e de raça, o pensador e o sociólogo necessariamente verificarão no excessivo estadismo da experiencia russa o fundo centralista e absorvente do Estado moderno, saído da Revolução Francêsa e que, tão bem autopsiado por Taine, recebeu de Napoleão a expressão juridica definitiva. A diferença consiste apenas em que essa noção de Estado

(1) — *Mi viaje a la Rusia soviética* — Madrid, 1921.

computava até agora o individuo unicamente como «homem politico» — como «cidadão», ao passo que a ditadura de Lénine o classifica apenas como «homem económico», como «simples «productor».

Mas a compreensão exacta de quanto se desenrola na Russia não nos é possível, se não considerarmos o parentesco legítimo que liga o tipo de Estado, aproveitado por Levine, ao tipo de Estado que Napoleão nos legou. A crise em que a Europa se debate é, sobretudo, onde se filia. Nascidas duma concepção meramente *doutrinaria* da sociedade, com o crescente alhear dos problemas contemporaneos, tão complexos e tão agudos nas suas múltiplas manifestações, as instituições politicas do nosso continente, não possuindo raizes na historia, difficilmente acompanhariam as exigencias cada vez mais clamorosas da realidade. Recolhem-se por fim os fructos da sementeira louca do '89! E na destruição das organismos tradicionais, ou seja daqueles «corpos» que entre os individuos e o Estado tornavam outr'ora facil e resistente a vida social, não era impossivel de prever que, victimas das oligarquias financeiras e parlamentaristas, os povos, arrastados pelo desenvolvimento dominador do industrialismo e do capitalismo, aos abusos execraveis da plutocracia, acordariam em peso para mais uma utopia — a utopia da ditadura do proletariado, em que, afinal, acabarão por se sentir escravizados como nunca, — se tão grande desgraça houver de desabar por sobre o ocidente europeu!

Oscilando, deste modo, entre as duas barbarias, — a barbaria argentária e a barbaria soviética, a sorte do mundo, se o facho da civilização tiver de se manter aceso, não dependerá seguramente nem da victoria dos barões da Finança, nem do avanço da cavalgada do Apocalypse. Quer se trate do Estado burguês com o seu cortejo interminavel de retóricos e correctores de Bolsa, quer se trate do czarismo vermelho de Lenine, precisamente o dever da nossa intelligencia é empenharmo-nos sem descanço no combate immediato a essas duas formas de desorganização sistematizada, incestuosamente geradoras uma da outra. Se digo «geradoras uma da outra», é porque na pantomina trágica representada em Génova presenciou-se claramente o conluio estreito que enlaça o cosmopolitismo criminoso dos banqueiros á demencia universal do sonho bolchevista. E tudo, porquê?

Tudo porque, *au surplus, les deux barbaries ne font qu'une: fruits, l'une et l'autre, du desordre de l'esprit, du tumulte des passions et du dechainement des appetits, la barbarie plutocratique et la barbarie bolcheviste sont filles du même sang corrompu*, — escreve Georges Valois. *Sœur ennemies et amies, l'une riche, possédée par les biens du monde, l'autre pauvre, ancienne des richesses de la première, l'une et l'autre également agitées par la passion de jouir et par le désir d'échapper à la loi du travail, l'une et l'autre vivant de rapines et de pillages, l'une agissant au coin des banques, l'autre au coin des rues, elles se jaloussent, se redoutent, se combattent en se ménageant, s'appuient l'une sur l'autre et se servent une de l'autre.*

Taes são as duplas algemas em que as velhas patrias christãs agonizam estranguladas, desde que, vai para seculo e meio, a filosofia naturalista dos ideólogos da Enciclopedia as atirou para fora do grande caminho da Tradição. Formado pela obra laboriosa e lenta duma longa elaboração da historia, o Estado, já então corrompido pelo virus absolutista do Direito-Romano e da Renascença, de instituição coordenadora e complementaria que era, volveu-se abertamente num como que instrumento do dominio, depressa utilizado pelos profissionais do Poder como o mais seguro e eficaz agente de exploração social. O conceito individualista da sociedade, sobrepondo-se a tudo e a todos num delirio de reformismos niveladores, apenas atendeu á excelencia abstracta das suas hipóteses. E eu não instruirei aqui o processo dessa mentira nefasta que Napoleão formalizou e o Liberalismo tornou exequível, visto que temos bem á mostra, na lição da Russia, a soma dos seus resultados desastrosos!

Não aplaudindo a herança do romantismo revolucionario, não é, por isso, de defesa a posição que assumimos em frente da falencia inevitavel do Estado democrático. Não é tambem á negação do Estado em si que as nossas reflexões se dirigem, se ao confessarmo-nos anti-parlamentaristas no politico e descentralizadores no administrativo, nos declaramos conjuntamente sindicalistas no social e no económico. O nosso trabalho é um trabalho simultaneo de destruição e de reconstrução. De destruição, quando no campo do pensamento e dos factos nos esforçamos por dissipar até ao seu ultimo equivoco, a influencia funesta da mitologia revolucionaria.

De reconstrução, quando, por sobre os alicerces combalidos da sociedade, procuramos terraplanar o hiato aberto pela passagem perturbadora do Liberalismo e achar as bases sólidas em que a Ordem-Nova se estabelecerá, para prestígio da Christandade e aumento da civilização.

*
*
*

Não consente duvidas a ninguem que, colocado dentro da doutrina marxista da luta das classes, Lenine raciocinava com firmeza, ao asseverar em março de 1919, no Congresso da Terceira-Internacional, que «a ditadura do proletariado manifesta-se inteiramente legitima, não só como um meio de derrubar os opressores e de suprimir a sua resistência, mas ainda como uma necessidade absoluta para as massas trabalhadoras, por ser a unica forma de defeza contra a ditadura da burguezia, que originou a guerra e está preparando novas guerras.» Nesta sequencia de idéas, «a essencia do poder sovieta consiste, — ainda segundo Lenine —, na circumstancia de se tomar por base constante e exclusiva de toda a autoridade do Estado e de todo o mecanismo governamental a organização em massa dessas mesmas classes que estavam debaixo do jugo do capitalismo, isto é, dos operarios e dos semi-proletarios», nos quaes Lenine congloba os camponeses que não exploram o trabalho alheio e que vendem parcialmente a sua força manual. Instrumento duma ditadura, — a da burguezia, Lenine utiliza o Estado, para servir a ditadura do proletariado, enquanto durar o periodo de necessaria transição e o comunismo não tiver applicação integral. Desde que nas democracias a razão do Estado reside no criterio da opinião publica e na lei da maioria, não se negará a Lenine uma recta dedução nas suas considerações. Se a sociedade não é mais de que um composto aritmético de individuos, não se entende, na verdade, que a parte mais numerosa viva sujeita ao egoismo e aos interesses parasitarios dum grupo reduzido de politicos e de banqueiros, — exploradores privilegiados do Oiro e do Poder. Succede isto em regimens que enfaticamente se rotulam como «liberaes». Eis porque Lenine, atacando a «democracia pura», nos oferece uma definição admiravel da «liberdade», que, sem ofensa para o illustre mestre da Contra-Revolução, o proprio Charles Maurras não duvidaria em acolher. «Os capitalistas, — diz o cesar vermelho de Moscou —,

chamaram sempre «liberdade» á facilidade com que os ricos podem fazer os seus negocios, enquanto os pobres vão morrendo de fome.» E a consciencia anti-democratica de Lenine é tão nitida e acentuada que, numa entrevista reproduzida pelos jornaes de todo o mundo, não fugiu de exprimi-la ao coronel Raimundo Robins, presidente da Cruz Vermelha norte-americana. Assim falou Lenine: — «Talvez que o coronel veja baionetas estrangeiras atravessar a Russia; talvez que veja mortos os chefes dos *Soviets* e as trevas envolver de novo o nosso país. Mas a luz que surgiu dessas trevas destruiu a democracia politica em toda a parte e para sempre. Quero dizer que a idea da democracia politica morreu.»

Pergunta-se: — mas o que será para Lenine a «democracia politica»? Evidentemente que é o Estado segundo o modelo das constituições escritas e em que os homens não são «productores» — e sim «cidadãos». A que chegou na Russia o «productor», sabemos-lo nós com o trabalho militarizado e considerado, tal como a propriedade, pertença indiscutivel do Estado. Na pulverização crescente da sociedade, o «individuo» dos idilios solitarios de Rousseau dera logar ao «cidadão» dos festins eleitoraes do Liberalismo. Por seu turno, o «cidadão» do Liberalismo, no alargamento opressivo do Estado moderno, voltou-se sem demora no «productor» da metafisica bastarda de Karl Marx. Rotos os laços que o prendiam á colectividade, simplificado, como um estomago que digere, em mero «homem-economico», o «productor», não sendo mais que uma maquina que trabalha e uma boca que pede pão, viu-se de subito, despojado de toda a relação moral e social, nesse pavoroso «insolidarismo» da definição inolvidavel do prof. Fernando de los Rios.

Traçada assim a genealogia dos fenómenos de dissolução geral que, mais marcadamente desde o século XVIII, veem roendo os fundamentos da civilização, compreende-se facilmente que a essa como que tendencia da sociedade para o atomismo, em que o patrimonio do passado se perde e com ele os estímulos sagrados do futuro, corresponda, como elementar recurso de coesão, o estadismo mais abusivo e mais arbitrario que se haia de conceber, a ponto de na Russia não existir outro direito que não seja um grosseiro direito objectivo, ainda por cima dictado exclusivamente pelo titular ocasional do Poder. O facto é tanto mais para impressionar, se nos

recordarmos que o bolchevismo, representando uma reacção contra o que apelidaremos a «ordem-burguesa», é também, e fundamentalmente, uma reacção contra o criterio histórico do Estado. E não se deixa de assinalar agora uma circumstancia de alta significação para o nosso fim. Ao passo que o «indivíduo» de Jean-Jacques se eleva por vontade propria, e progressivamente, á aceitação da disciplina do Estado, o «produtor» de Lenine surge-nos ao cabo de operação inversa, isto é, depois de decompôr a estrutura da sociedade existente, tentando realizar uma especie de errata ao vicio original da democracia.

Se na democracia, o indivíduo, entregue aos desvarios metafisicos da «liberdade», subalternizou e anulou as instituições que o amparavam contra a omnipotencia do Estado, tais como o Municipio e a Corporação, no bolchevismo pretende-se por um instinto atrabiliario e cego, mas lógico dentro da falsidade dos principios, substituir a imprescindivel força coordenadora do Estado por uma série sucessiva de assembleias, ou *soviets*, que, partindo de grupos economicos rudimentares, termina no *soviet* central, — vértice em que se recolhem as linhas de tão imprevista e descomunal pirâmide.

O que resulta, pois, como clara lição das coisas da Russia é que o sindicalismo, mesmo na forma absoluta que procurou assumir na desgraçada terra dos Czares, carece dum agente, que, federando-o e regulamentando-o, o preserve da anarquia e que assegure simultaneamente, para com as corporações a independencia individual e para com os individuos a autonomia corporativa. Não lhe sendo possivel obter-lo na sua quimera estulta de emendar a sociedade segundo as preferencias sociologicas de meia duzia de ideólogos em delirio, o bolchevismo, a braços com o dilema de se negar a si proprio, ou de cair no perigo mortal da sua inteira desfibração, não teve outro remedio senão recorrer, — como recorreu —, para a mais dura e inflexivel ditadura pessoal.

* * *

Ora, aceitando do bolchevismo a sua critica ao conceito individualista da sociedade, neste desfazer incontestavel das superstições politicas e economicas do Liberalismo, qual a posição que nos cabe a nós, — «renovadores», e não «conservadores», perante o drama em que a Europa

parece desconjuntar-se? Se repelimos desde logo o inqualificavel mito romântico da «Bondade Natural» do «cidadão», com não menor energia repelimos também o fermento de desagregação que o marxismo comporta consigo nos terribes enunciados da sua «luta de classes». Para nós, na esteira dos melhores mestres e conforme os ensinamentos de verdadeira sociologia, a sociedade é constituída por «familias», e não por «individuos». Os «individuos», quando nascem, nascem já dentro duma *familia*, e caracterizam-se em seguida, ou profissionalmente pelo gremio ou corporação a que pertencem, ou institucional e economicamente pelo *municipio* ou *provincia* em que residem. Ha assim um «*direito social*», ou «*natural*», que resulta intrinsecamente da condição do homem, para o qual, ao contrario de Rousseau nos seus improvisos sociológicos, a sociabilidade é qualidade inseparavel da existencia.

Não estranharemos, pois, que, ao lado do tradicionalismo politico e filosófico dum Maurras, se constitúa no campo da sciência objectiva uma forte corrente doutrinaria, de que é conductor e porta-voz o catedrático da universidade de Bordeus, Mr. Léon Duguit. Encontra Mr. Léon Duguit na «solidariedade» um facto fundamental da vida do homem, porque dispõe duma base intuitiva, como que fisiologica, muito antes de receber a sanção das leis e das instituições no campo superior do direito.

Assim, para Duguit, «a sociedade não existe porque os homens queiram viver em comum, mas sim porque os homens viveram sempre em comum, visto não poderem viver de outro modo...» Com o positivismo de mestre Duguit é o velho tema do «direito-natural» que resurje, — não do «direito-natural», como a metafisica da Revolução o concebeu e divulgou, mas sim como o comprehendia S. Tomás e toda a magnífica coorte dos seus comentadores peninsulares da Contra-Reforma, com o insigne Francisco Suárez á cabeceira. Sabe-se que, para S. Tomás e seus discipulos, a «comunidade-perfeita», nascida da razão original das coisas, prevalecia sobre o individuo e condicionava o desenvolvimento de sua curva vital. Em que consistia, «conforme os Escolásticos, a «comunidade-perfeita»? Na comunidade que se basta a si mesma. A comunidade que se basta a si mesma é evidentemente aquella que possui dos seus destinos o sentido solidario e continuo que Duguit nos aponta e que

só é possível pela subordinação harmónica das partes ao todo, desde que o todo seja regido e impregnado,—como queria Claude Bernard para os organismos físicos—, pela permanência duma idéa—directriz.

De nada mais se carece para que se saliente a concordância ou, para melhor me exprimir, o paralelismo, que se surpreende entre o pensamento de Mr. Léon Duguit e os sistematizadores, tanto antigos como modernos, das grandes verdades tradicionais. Visto que, para uns e para outros, os fundamentos da sociedade assentam no *grupo*, e não no *individuo*, implicitamente que á sociabilidade dos escritores tradicionalistas, filha da lei natural, e não ao atomismo anárquico dos Imortais-Princípios, é que devemos ir buscar os motivos primários e inalteráveis da sociedade constituída. Um reforço de valia nos surge aqui, partido dos domínios das sciencias experimentais, contra o inqualificavel abuso que, em nome das teorias de Darwin, se pretendeu exercer durante largo tempo nos ambitos agitados da sociologia. Considerando o homem como uma espécie fixada ha muitos séculos e com caracteres proprios que o distinguem dos outros seres vivos, o eminente dr. Grasset concluí do estudo da biologia que *«a lei biológica fundamental da sociedade humana não é a lei darwiniana da luta e da concorrência»*, mas que, pelo contrario, os homens são *«regidos pela lei biológica humana do auxilio mutuo, do amor, da solidariedade e da colaboração»*

Não é cair no optimismo dissolvente da «Bondade-Natural» e dos varios mitos congéneres. Mas, corrigindo a fatalidade animal que nos convida a cada momento a escutar as solicitações da nossa índole inferior, é antes elevar-nos pelo gosto da perfeição e pela prática das disciplinas interiores a esse tipo excelso de humanidade que o Christianismo gravou dentro das nossas almas e que é o segredo fecundo da marcha do homem através da Historia. Palpita-se Lem o alto e dramático sentido do dogma christão do «pecado-original» e da sua remissão pelas graças da Igreja e, em cada um de nós, pelo exercicio heroico da vontade.

Substituída, portanto, pelo reconhecimento da «solidariedade» ou «interdependência» humana, a falsa filosofia da Revolução—na hora em que a tragedia russa, realizando entre os homens o «insolidarismo total», representa para

nós a illustração mais viva e mais tocante da citada que se esconde nas paginas do *Contracto-Social*—, quais são os roteiros que se abrem diante dos que acreditam nas possibilidades do futuro,—venha ou não venha a catástrofe, venha ou não a civilização a padecer paixão e morte?

Pensamos como Guglielmo Ferrero que estamos no fim dum mundo,—que o mundo se vai, desfeito pelo excessivo materialismo que lhe corrói as entranhas. Mas, sem partilhar das inquietações dolorosas do illustre historiador, cremos ainda que a sociedade encontra dentro de si os elementos necessarios para a sua resurreição. *«Rien n'est perdu tant qu'il reste dans une nation quelques intelligences lucides et des volontés ardentes»*—observa George Valois no seu ultimo livro *La reconstruction économique de l'Europe. L'Europe n'échapperait pas á la catastrophe si elle n'avait pour la sauver que ces liberaux anglais, qui ne pensent qu' á faire leurs affaires, ces liberaux français qui font les affaires des premiers, et ces liberaux russes qui ne font les affaires de personne, ou encore ces conservateurs de tous pays, qui n'ont jamais conservé que le mal et qui sont convaincus que rien ne peut arrêter la marche du socialisme revolutionnaire.* (1) *Mais toutes ces jeunes forces qui se sont groupés en France autour de Maurras, en Belgique, en Suisse, en Espagne, au Portugal, autour d'hommes jeunes, en Italie á l'appel de Mussolini, toutes ces forces ont repris et tiennent haut le flambeau de la civilisation. L'Europe retentit d'appels qui entendent une jeunesse frémissante. Giovanesi! Giovanesi! c'est en Italie, le premier cri d'un chant qui rythme les pas des jeunes hommes sur la terre latine. Nous ne sommes pas en décadence; nous sommes au seuil d'une renaissance.»*

E porque nos sentimos alentados com o verbo do illustre economista francês, empenhado como nós na restauração duma maior e mais bela Christandade, é bom que o oiçamos ainda nas suas reflexões incisivas e reconfortantes. Insiste ele: *«Le péril n'est pas dans l'âme des peuples. Il est dans l'esprit des gouvernements qui sont sous le contrôle de la ploutocratie. Ce sont les ploutocrates et leurs serviteurs qui troublent l'Europe autant et plus*

(1) Vid. discurso do conselheiro José de Azevedo Castelo Branco no banquete Aires de Ornelas.

que les idées révolutionnaires; ce sont eux qui ouvrent nos frontières à la révolution. Un Nitti, un Briand, un Lloyd George, un Stinnes ou un Rathenau, qui croient utiliser l'anarchie pour leurs desseins, sont en Europe les fourriers de la barbarie. Daniel Halévy dit que la société russe est tombée en ruine après quatre ans de guerre. Eût elle fait cette chute si les caisses des libéraux russes n'avaient été alimentées par les banques de Londres; si les caisses des bolchevistes n'avaient été remplies par des banques judéo-américaines et judéo-germaniques? Tous ces hommes d'argent qui ne voient le monde qu'à travers des traites et des billets de banque, perdent la notion des réalités; ils croient que tout se ment ou s'arrête selon les ordres données en Bourse. Ces hommes pratiques vivent dans l'illusion, habitués aux fortunes qui se font et se défont en une année, en un mois, en une semaine, en un jour, ils ne savent plus que la vraie fortune des peuples est celle que produit sur la terre le labeur séculaire du paysan. La révolution russe est pour eux une affaire. Allez leur faire entendre qu'elle peut être une catastrophe de l'humanité! C'est contre eux autant que contre les bolchevistes, qu'il nous faut défendre l'Europe »

Exactamente, na defeza da Europa contra os dois bolchevismos,—o bolchevismo do argentario e o bolchevismo do agitador, é que o nosso plano de campanha necessita de se desenvolver e detalhar quanto antes! Soldados duma nova cruzada, é na luta pela Ordem-Nova que a nossa intelligencia se fortalece e o nosso braço se inspira. O patrimonio que recebemos do Passado guarda consigo os mais imprevisos germens de triunfo. O que á nossa volta está desabando é toda a ignóbil constituição ideológica do espirito da Enciclopedia. Incapacitado de responder ás interrogações que o assaltam de hora para hora, cada vez mais opressivamente na sua rota desesperada de naufrago, o Estado parlamentarista e plutocrático não tardará a ruir. Deixemo-lo baquear, para que a sociedade, restituída ás suas proprias forças, se refaça, finalmente, do adormecimento vegetativo em que ele a lançou com o peso das suas insaciaveis oligarquias parasitarias! No entanto, evitemos que, num estremecer de pupilas hediondas, a Horda, que espregita e avança na sombra, se precipite para o saque desejado, como um bando primitivo de gorilas. Na missão que a Providencia lhe distribue, cabe-lhe arrastar á ultima capitulação a firma de banqueiros

sem escrupulos que exploram por sua conta os beneficios do chamado «Progresso» e teem os interesses da humanidade como um alto e lucrativo negocio. Enquanto eles se abismam na escravidão infame da Matéria, confessemos nós o poder invencivel do Espirito, ajoelhado diante dos atrios misteriosos da Cidade-Futura. E' bem singelo o nosso programa, que todo se condensa em *regressar primeiro, para progredir depois.*

Mas *regressar* é devolver-nos ás condições normaes da vida social, efectuando pela harmonia e colaboração mutua aquela lei biológica humana, que o dr. Grasset opõe energicamente aos conceitos darwinianos com que o seculo findo, no seu racionalismo grosseirissimo, envenenou o ambiente contradictorio da sociologia. Reconstituamos, pois, a sociedade, reconstituindo a *Familia*, agrupamento fundamental e primario, na sua intima composição monogâmica e territorial. Da *Familia* iremos ao *Município* e á *Corporação*. Do *Município* e da *Corporação*, somados organicamente na *Provincia*, sairá a *Patria*, servida nos seus fins superiores pela ação coordenadora do *Estado*. Assim encontraremos, pelos caminhos eternos e sempre remozados da Tradição, essa ordem que é natural e humana, sem a qual não ha civilização nem existencia possivel, como o «cidadão» de Rousseau nos acaba de demonstrar, rasgando na Russia o *Contracto-social* e caindo no «*insolidarismo total*,» pela sua volta ao tropel errante dos simios na floresta.

Oferece-nos o sindicalismo a estrada larga das suas realizações. E quando escrevo «sindicalismo», quasi que prefiro escrever «*gremialismo*». Baptizado pela Igreja, o gremialismo ha-de colocar em equação o problema momentoso da produção da riqueza e da sua respectiva distribuição. Confinado em funções centraes de direção, ao Estado pertencerá unificar, com vista á mesma finalidade, as varias autonomias economicas e extrair delas a colaboração necessaria ao bem geral do agregado. No regimen conjunto, ou paralelo, da propriedade privada e hereditaria e da corporação sabia e fortemente constituída, achará por certo o dia de amanhã o equilibrio tão dolorosamente ambicionado por todos nós. Adivinha-se desde já, como numa comunidade descentralizada e hierarquizada ao mesmo tempo o Estado intervem, garantindo com a sua norma reguladora, a justa expansão das diversas actividades productoras, quer sejam colectivas, quer sejam simplesmente individuaes. *Ni individua-*

lisme anarchique, ni étalisme abêtisseur et pau-périssant, — escreve A. L. Galéot; *mais des organisations corporatives ouvertes, prenant soin des leurs et répartissant les frais de secours sur la profession, le tout synthétisé, coordéné par l'organe central de cohésion nationale, le «roi du travail», le monarque héréditaire.*» Porque se o chefe unico é imprescindível para se ganhar a guerra, não é menos imprescindível para se estabilizar a paz, afim de que a riqueza se desenvolva e se distribua equitativamente, assegurada como carece de ser por uma autoridade legítima, consciente e contínua.

* * *

Tal é a Ordem que se desprende da desordem, — tal é a Ordem que arrancará a Europa da carreira do abismo, ou que fará florir outra vez a civilização no nosso continente, se a desgraça tombar por sobre nós! Essa Ordem é a ordem de sempre, porque a Ordem é só uma e define-se singelamente por tudo quanto seja o inverso da Desordem. Através das suas multiphas formas, como um monstro de muitas cabeças, a desordem já não nos ilude mais, porque na experiencia russa achou o limite máximo que poderia atingir. «Um principio triunfa, — raciocinava Berryer —, quando ele se aplica e produz o bem. Ele triunfa da mesma maneira, quando se aplica o principio contrario, e só produz o mal».

Eis que, por sobre um cortejo de mentiras, a nossa verdade alcança um triunfo inesperado! Julgando quebrar as grilhetas de todos os preconceitos, nós assistimos, com a ditadura de Lenine, ao advento duma tirania sem nome, que prostitue a dignidade do trabalho, reduzido agora a uma vil tarefa de besta puxando ao carro. Respondamos-lhe nós sem trepidações, entoando um daqueles admiráveis hinos com que Georges Valois entremeia as suas não menos admiráveis criações económicas. «Homem, porque trabalhas tu?» — «Trabalho, porque sou o instrumento da vontade de Deus, que me manda pôr ao serviço divino todas as faculdades e todas as graças que do Senhor recebi em usufructo!» Pois, penetrados dessa certeza solene, restauremos os direitos de Deus na sociedade, para que o Trabalho se dignifique como uma virtude e retome nos Lares e nas Oficinas a sua antiga realza moral. Pela extrema desagregação a que o Estado chegou entre nós, talvez que a Portugal esteja reservado o destino glorioso de inaugurar a Ordem-Nova na Europa. Se fôr assim, — e eu creio que ha-de ser! —, teremos recuperado a nossa vocação apostólica de povo conquistador e descobridor, levantando contra o tufão maximalista do Oriente o maximalismo christianissimo do mundo occidental.

António Sardinha